



VIDA ACADÊMICA UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Carolina Cherubini Costa Freire¹

Rose Cleia Ramos da Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir acerca das atividades desenvolvidas na Universidade Federal de Mato Grosso, por meio remoto, nestes tempos difíceis de pandemia da Covid-19. A temática do artigo versa sobre o ambiente virtual de aprendizagem e a transição da cultura da presencialidade ao ensino remoto. Outros objetivos que circunstanciam a temática são: refletir sobre a organização do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) feita pelos professores e analisar as possibilidades e limites para professores e estudantes, considerando atividades acadêmicas de ensino, extensão e pesquisa, em relação ao tempo referente à confirmação da pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), desde março de 2020, com quase dois anos de cenário pandêmico. Com o percurso de estudos bibliográficos e reflexão sobre experiências do processo de ensino-aprendizagem, o texto traz alguns resultados, como: evidências de que há menor engajamento por parte dos estudantes no trabalho remoto; há uma suposta falta de domínio de alguns docentes em relação à totalidade de recursos operacionais do AVA; e, finalmente, há desigualdade social e econômica entre os acadêmicos com implicações nas suas condições de acesso às ferramentas digitais necessárias para permanecerem nos cursos e para alcançarem uma formação de qualidade na educação superior.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente Virtual de Aprendizagem. Ensino remoto. Cultura digital.

Introdução

¹ *Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e membro bolsista do Grupo PET Educação UFMT.*

² *Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e tutora do PET Educação UFMT.*



Revista Pedagogia – UFMT V.8 n° 2 Jul/Dez 2021

O ambiente escolar sofreu inúmeras modificações no mundo todo, sendo a mudança mais recente, devido à pandemia do Coronavírus SARS COV -2, uma transição entre a sala de aula física para a *online*. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo refletir acerca das atividades desenvolvidas na Universidade Federal de Mato Grosso, por meio remoto, nestes tempos sombrios de pandemia da Covid-19.

É importante trazer, nos limites deste texto, que a Organização Mundial de Saúde (OMS), assim que confirmou a pandemia, no dia 11 de março de 2020, na pessoa de seu Presidente Dr. Theodor G. Adhanom, fez várias recomendações para os governantes do mundo todo para que não se demorassem na tomada de medidas necessárias de distanciamento social. No Brasil, o Governo Federal atuou com postura negacionista em relação à gravidade da pandemia e mostrou muita resistência às recomendações da OMS, o que resultou em alto índice de letalidade.

O Ministério da Educação publicou, no dia 18 de março de 2020, a Portaria n.º 343, de 17 de março de 2020, a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Corona vírus – COVID-19.” (BRASIL, 2020).

A partir de então, as Universidades realizaram em seus Colegiados de Ensino, Pesquisa e Extensão as suas próprias Resoluções, determinando como se dariam as ofertas das disciplinas na graduação e pós-graduação, em observância à Portaria do MEC, supracitada.

As atividades na modalidade remota iniciaram com o respaldo de normativas do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). A Resolução aprovada, inicialmente, foi a de n.º 32, em 08 de julho de 2020, em caráter provisório: “dispõe sobre a regulamentação da flexibilização de componentes curriculares em caráter excepcional e temporário [...], para o ensino de graduação no período de suspensão das atividades presenciais.” Nessa normativa, tanto docentes; quanto discentes poderiam escolher entre aderir ou não a oferta das disciplinas. Atualmente, a Resolução n.º 87/CONSEPE/UFMT; dispõe, em caráter provisório, acerca da regulamentação dos componentes curriculares sobre o desenvolvimento de estratégias de ensino-aprendizagens mediadas pelas Tecnologias de



Revista Pedagogia – UFMT V.8 n° 2 Jul/Dez 2021
Informação e Comunicação (TICs), devendo-se salientar que a normativa em vigor, neste momento, torna a oferta sem flexibilização para a não adesão.

Faz-se pertinente analisar as implicações do cenário pandêmico; no campo educacional em todo o mundo e o quanto as pessoas se sentiram frágeis com o avanço da doença, a Covid-19. Em tal contexto, naquele momento, não havia ainda a previsibilidade de vacinas para combater o Coronavírus, de forma que as pessoas evitavam se locomover, por preocupação de contágio viral. Visto que as medidas de distanciamento social ficavam cada vez mais rígidas, as escolas da educação básica e superior foram fechadas e a grande maioria dos compromissos agendados para a realização de eventos científicos para ano de 2020, que haviam sido organizados para acontecer presencialmente nas instituições acadêmicas, foram cancelados, um a um.

De repente, professores, estudantes, técnicos e demais trabalhadores das Universidades se viram diante de um grande dilema que pode ser bem assimilado pela metáfora presente na questão: “Como trocar o pneu com o carro andando?” É bem isso que pensam as pessoas que frequentam o ambiente universitário; em momentos como esses, em que o trabalho remoto, *home office*, tornar-se condição *sine qua non* para a Universidade funcionar, sendo ela forte aliada no combate da pandemia, dada a produção de conhecimentos que lhe é inerente, essencial diante de um mundo tão vulnerável à mortalidade causada por esse vírus.

À luz desses eventos, a problematização que o texto provoca é a seguinte: como a Universidade pode superar alguns limites do ensino remoto, melhorando o seu ambiente virtual, capacitando professores, técnicos e estudantes para uma atuação mais segura às demandas da cultura digital? O que pode ser feito, de imediato, em nível institucional, coletivo e individual para que a comunidade acadêmica se sinta preparada para a produção científica que lhe compete, com o domínio das TICs?

O interesse por refletir melhor acerca das atividades acadêmicas, em meio ao cenário pandêmico, surge tanto entre os membros do Grupo do Programa Tutorial de Educação (PET) da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, quanto entre professores e estudantes da Universidade, que percebem a instabilidade manifestada por ambas as categorias; em



relação às ferramentas digitais. Dessa forma, este artigo apresenta dois tópicos para discutir o tema apresentado. O primeiro tópico versa sobre o espaço escolar e as mudanças mais recentes com as aulas realizadas por meio remoto; o segundo tópico versa sobre os limites, avanços e desafios que a ação docente enfrenta no momento presente.

Nas considerações finais, a partir da síntese sobre a transição do ensino presencial ao virtual, nestes tempos de distanciamento social, o texto apresenta algumas reflexões sobre os principais impactos da pandemia na educação superior e como isso está implicando a subjetividade dos acadêmicos. Há um desfecho questionador, provocando novas pesquisas e estudos atentos para o risco de exclusão e aumento da desigualdade no campo da educação superior.

Do espaço físico ao virtual

Do ponto de vista histórico, as mudanças no espaço escolar, até então, caracterizavam-se por mudanças físicas, como, por exemplo, a integração das alas femininas e masculinas nos colégios ou, até mesmo, mudanças dos materiais pedagógicos (YOSHIASATO; FRANCISCO, 2015). Entretanto, com o advento da pandemia, a grande maioria das escolas fecharam as suas portas para as atividades presenciais.

A alternativa de utilizar o meio remoto foi concretizada em muitos lugares, porém, mesmo com as tecnologias de informação e comunicação que se têm nos dias de hoje, muitas crianças se mantiveram sem frequentar a escola, nem mesmo por meio *online*, seja por falta de recursos, seja por problemas de aprendizagem. Segundo um relatório da Unicef (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para Infância), 1,38 milhões de alunos, entre crianças e adolescentes (3,8% dos estudantes), não estavam mais frequentando a escola, em 2020 no Brasil (UNICEF, 2021). Além disso, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 17,3% das residências brasileiras não possuíam acesso à *internet* e apenas 40,6% das casas possuíam computadores em 2019 (IBGE, 2019). Dessa forma, a mudança do ambiente escolar físico para o remoto impactou o acesso e a permanência na



escola, pois o acesso depende de aparelhos tecnológicos e de *internet*, os quais são de custos altos, e a permanência depende, em parte, das práticas educativas, que precisaram, de última hora, serem adaptadas e modificadas pelos educadores e estudantes.

Na graduação, tem sido frequente o abandono de alguns estudantes, considerando o curso de pedagogia, melhor observado para fins deste trabalho, e constata-se que a não adesão às disciplinas flexibilizadas foi bastante alta. Na vivência acadêmica das pesquisadoras, muitos estudantes disseram, informalmente, que se sentiam desmotivados por questões financeiras, por não suportar os custos advindos de um plano de *internet* no orçamento familiar e da aquisição de computadores e celulares. Igualmente, queixaram-se da falta de adaptação dos estudos com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e da nova rotina requerida pelo contexto da pandemia.

Para melhor compreensão dos impactos que a mudança do trabalho presencial para o remoto tem significado, é importante trazer a diferenciação conceitual dos espaços virtuais e presenciais. Segundo Machado e Teruya:

No ensino presencial, o aluno encontra-se inserido em sala de aula e em contato direto com os mais diversos recursos didáticos. Sejam materiais impressos ou tecnológicos, esses instrumentos possibilitam a melhoria do ensino desde que utilizados de maneira significativa pelo docente. Além disso, a interação face a face com colegas da turma e professores ocorre de maneira simultânea. [...] Já na EaD, em que o ensino e a aprendizagem, em grande parte, ocorrem em AVAs, os recursos didáticos encontram-se dispostos em contextos diferentes, permeados pela dinâmica do virtual, caracterizados principalmente pela separação (espaço e tempo) entre aquele que ensina e aquele que aprende. (MACHADO; TERUYA, 2009, p. 1728).

Nesse sentido, entende-se que no espaço escolar físico e virtual, apesar de ambos terem o mesmo intuito, a aprendizagem dos estudantes tem suas peculiaridades e ferramentas distintas. Com relação às práticas educativas anteriores ao momento pandêmico, é importante levar em conta como o espaço físico era pensado e como era visto pelos estudantes. Assim, é importante considerar os diferentes ambientes que a escola possui. Em outras palavras: há uma ideia recorrente no sentido de que no interior da sala de aula haveria desinteresse e seria um ambiente desagradável; fora dela, no pátio, por sua vez, haveria estímulo para as relações sociais. Diante disso, indagamos qual intervenção pedagógica seria pertinente para trazer um



aprendizado efetivo, tanto em sala, como no pátio. Sabemos que são espaços que se distinguem, seja por elementos físicos, seja por paredes, seja, até mesmo, pelo tempo de uso. Quer dizer, a sala de aula e o pátio possuem funções diferentes, entretanto, o espaço que mais demonstra sentimentos positivos nos alunos é o segundo. Da mesma forma que existem poucas práticas educativas fora de sala de aula, poucas práticas de recreação existem fora do pátio.

Essa relação não é válida apenas para as escolas, mas para a Universidade também, pois parte de uma formação universitária ampla leva em conta as relações e atividades que os estudantes devem fazer fora de sala de aula, seja nos corredores, seja em atividades culturais, de ensino, pesquisa e extensão. É entendido que nenhuma dessas atividades pararam, pois ainda ocorrem palestras, oficinas, cursos *etc.*, por meio digital. Entretanto, considerando a formação, o AVA, diferentemente do ambiente universitário, não oferece acesso facilitado a essas atividades, visto que, na maioria das vezes, a transição dos espaços considerou apenas o ambiente de sala de aula e não os momentos de interação, como nos intervalos, onde ocorrem conversas entre estudantes, inclusive na própria sala de aula; por consequência, parece haver um reducionismo da ambiência universitária.

Com a mudança para o ensino *online*, buscou-se apenas levar a sala de aula para as casas, e a recreação e as relações necessárias estabelecidas durante o momento de intervalo, que são extremamente necessárias para o desenvolvimento dos estudantes, se perderam. Se antes o problema era o pouco interesse dentro de sala de aula, no modelo *online* o problema é não haver momentos de recreação algum, o que, novamente, limita a função do espaço educativo.

A ambiência universitária é bastante rica nas aproximações entre os estudantes, lugar em que conversam, brincam, estreitam relações de amizade, de forma que não estar nesse lugar, com tais possibilidades, já se apresenta como um movimento solitário em busca do conhecimento. O remoto, limitando as interações sociais e os momentos de descontração, e considerando a educação desenvolvida apenas dentro de sala de aula, não só permitiu transparecer que o ensino está desinteressante, bem como mostrou que as relações estabelecidas fora dos ambientes educativos não têm nada de motivação. Em outras palavras,



não é surpreendente que tenha havido significativa evasão escolar, pois, além dos problemas práticos, como a falta de equipamentos e condições de estudo, há um desinteresse em trazer para as aulas *online* momentos de recreação e prazer aos estudantes. Segundo Machado e Teruya,

[...] um bom ambiente de aprendizagem compreende várias dimensões que vão desde a integração de diferentes materiais didáticos até a relação entre professores, alunos, metodologias e estratégias de ensino. Essas dimensões devem ter a finalidade única de desenvolver a construção do conhecimento no aluno. (MACHADO; TERUYA, 2009, p. 1728).

Além disso, esses momentos recreativos nunca foram tão importantes como agora, pois, diante de um contexto pandêmico, as pessoas, conscientes dos riscos da disseminação do vírus, perderam a chance de estarem com outras de forma presencial. Dessa forma, sendo o ensino *online* uma possibilidade rica no sentido de integrar os conhecimentos às situações mais práticas das vidas das pessoas, ao não promover a integração, acaba por tornar o ambiente virtual desinteressante.

Os problemas que até aqui têm sido mais destacados entre estudantes da graduação em conversas dos grupos de *WhatsApp* estão mais relacionados à falta de *internet* (e de qualidade da sua velocidade para acompanhar as aulas) e falta de computadores. Ademais, outras queixas prevaleceram nesses grupos, a exemplo de que muitos estudantes precisaram trabalhar para contribuir com o orçamento familiar.

Em algumas aulas virtuais que ocorreram, como encontros síncronos, foi possível perceber nos estudantes presentes; desinteresse e cansaço. Alguns depoimentos, informalmente apresentados nos grupos, evidenciavam perda de interesse com as aulas, que pode estar relacionada às condições objetivas de estudo que se apresentam neste particular momento.

Dessa forma, é necessário pensar em uma didática para os ambientes virtuais de aprendizagem; na educação superior que tenha efetividade para a produção científica que a sociedade precisa. Virtual ou presencialmente, a Universidade deve estar em permanente atenção às demandas políticas, sociais, econômicas, culturais e de saúde pública da sociedade.



O processo de formação superior que envolve a utilização dos meios digitais é necessidade urgente do contexto social, profissional e cultural em que vivemos. Para alcançar esta formação, professores e estudantes precisam estar envolvidos pelas mesmas preocupações de ensinar e aprender de forma significativa, ou seja, que seja útil e valiosa não apenas aos que participam dos momentos didáticos dos cursos, mas toda à sociedade. O investimento social feito pela sociedade à universidade, delegando a ela a formação dos novos profissionais e cidadãos, define a relação entre o ensino mediado e a incorporação de comportamentos, conhecimentos, sentimentos e valores que sejam úteis e façam sentido nos papéis que estes aprendizes exercem ou irão exercer nas suas realidades. A universidade não pode falar e ensinar apenas para ela mesma. Como espaço social, ela precisa estar comprometida com as características, os valores e as mentalidades do novo momento, suas necessidades e urgências. (KENSKI; MEDEIROS; ORDÉAS, 2019, p. 149).

As dificuldades que esses tempos de pandemia descortinaram para as atividades acadêmicas na Universidade colocam-se como um conjunto de situações a serem superadas; no plano coletivo e não no individual; em outras palavras, meios e fins educacionais articular-se-ão para a efetividade da educação superior. Não é nada fácil sobreviver a uma pandemia, há milhares de famílias vivendo a dor do luto. Para os sobreviventes desses tristes tempos é possível sonhar com dias melhores! Esperançar!

A Era digital: limites, avanços e desafios para a docência no ensino superior

A pandemia trouxe uma exigência em relação à docência: aprender a usar as novas tecnologias digitais e de comunicação. Alguns docentes, não poucos, já tinham familiaridade com a cultura digital, porém, outros, também não poucos, não a tinham.

De repente, então, professores e professoras se viram diante de um desafio: dominar os recursos das TICs para um bom desempenho docente!

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Universidade Federal de Mato Grosso oferece muitos recursos que já eram disponibilizados aos docentes há quase uma década, porém, a cultura de atividades presenciais era tão forte que poucos professores se habilitavam ao uso desses recursos de forma regular, usando o percentual de carga horária das disciplinas



permitido para serem aplicadas, que era de 20% do total da disciplina, previsto no Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação. Diante do novo desafio, a carga horária de todas as disciplinas ofertadas passou a ser integralmente aplicada, por meio das plataformas digitais e, em especial, o AVA.

Com os avanços das TICs, o AVA passou a oferecer também recursos de sala de aula virtual, como o Big Blue Button BN (BBB), que é um espaço virtual para a aula que pode ser acessado, de forma remota, síncrona e assíncrona, para acesso posterior às gravações.

A cultura digital tem muitas novidades interessantes e, particularmente, neste cenário pandêmico, os docentes tiveram que aprender a utilizar as ferramentas disponíveis. A respeito dessa nova cultura, é interessante saber mais da convergência que ocorre entre os campos: físico, digital e biológico na atual fase da revolução tecnológica que o mundo vivencia.

Dessa convergência é possível elencar diversos produtos que têm condições de causar alterações profundas nos processos educacionais, tais como a impressora 3D, inteligência artificial, internet das coisas, armazenamento em nuvem, entre outros, que podem trazer benefícios nunca antes experimentados aos processos educacionais, desde que as instituições se preparem para acompanhar e fazer parte dessa evolução. (KENSKI; MEDEIROS; ORDÉAS, 2019, p 142).

Parece não ser mais possível desconsiderar o aparelho celular como importante ferramenta de trabalho e, do mesmo modo, reconhecer a importância das nuvens para o armazenamento das informações. Assim, as ferramentas vão sendo transformadas, bem como há um ritmo acelerado de novos conhecimentos na área das tecnologias que vão tornando obsoletos muitos recursos e ferramentas que serviam como complemento dos processos informacionais. Quem hoje ainda usa um *pen drive*, por exemplo? Quase ninguém, pois ficou obsoleto. Assim, a cada hora, uma nova descoberta renova o campo das TICs, trazendo recursos mais avançados com novas possibilidades de conexão e acesso às informações que nos interessam.

Ser docente em pleno processo evolutivo das tecnologias digitais pressupõe atentar-se, permanentemente, para a capacitação das atividades pedagógicas; na era informacional/digital. Eis que o velho adágio Socrático anda tão válido: “Só sei que nada



sei!” E por que é importante o reconhecimento da própria ignorância, assim como Sócrates o fizera? Porque as transformações tecnológicas são muito desafiadoras. Assumir a incipiência na área da docência no campo das TICs e estar curioso/a para aprender é um bom começo para se conseguir melhor desempenho pedagógico nos tempos atuais.

As salas virtuais do AVA, com o recurso BBB, por exemplo, permitem que os professores e os estudantes realizem encontros síncronos e assíncronos. As experiências até aqui, dos três semestres, sendo dois em 2020 e um em 2021, em que esses encontros vêm ocorrendo, em sua grande maioria, revelam algumas dificuldades que desmotivaram muito alguns docentes e estudantes. Há queixas, a exemplo de que os docentes reclamam das turmas e do quanto estão desmotivados os estudantes; por sua vez, eles reclamam dos docentes, alegando que não preparam um ambiente virtual motivador. Nas conversas informais dos grupos de *WhatsApp*, como já foi dito anteriormente, há muitos depoimentos que chamam a atenção, pois apresentam queixas nas quais se percebe uma certa angústia, tanto por parte dos docentes quanto por parte dos estudantes.

Na perspectiva de uma educação superior de qualidade é importante relacionar concepções e práticas sobre democracia e justiça social. Essa chamada faz muito sentido, pois o Brasil passa por um momento difícil e, politicamente, há por parte do governo federal, sob a liderança do Presidente Jair Bolsonaro (sem partido político), um conjunto de ações que ataca as instituições democráticas e despreza as políticas educacionais propostas no Plano Nacional de Educação vigente. De igual forma, há falta de investimento na educação pública, há um processo de desvalorização dos professores, há uma série de acontecimentos no plano social e econômico que evidencia a derrocada do governo e muitos impactos para a sociedade.

Considerando um retrocesso esse movimento que impregnou alguns setores que dialogam no parlamento brasileiro, as Universidades, sobretudo as públicas, porque mantidas pelo Estado, mais do que antes, estão desafiadas a mostrar o valor que possuem na produção de conhecimentos.

Nesse sentido, a defesa de uma perspectiva dialética do conhecimento é fundamental para constituir um movimento de luta para salvar a democracia brasileira:



A educação pode objetivar-se espontaneamente nas relações sociais e de forma sistemática e intencional, o que é o caso da produção e veiculação do conhecimento que se realiza na educação superior; quer dizer, esse é um dos espaços sociais em que se pode realizar, difundir, aprofundar e potencializar a educação. [...] Nesse caso, a tarefa de transformação da educação é também de transformação das estruturas da sociedade, sem que ambas se oponham ou se coloquem uma à frente da outra. (SILVA; SILVA, 2010, p. 86).

As autoras supracitadas, ao discutirem a educação e a produção de conhecimento na realidade social a partir de uma perspectiva dialética e histórico-materialista provocam uma importante reflexão: diante dos avanços das TICs, das inovações tecnológicas, das transformações de ocupação dos espaços que hoje são mais virtuais do que físicos, como fortalecer a luta contra o Estado brasileiro em sua postura ambígua? Qual é o papel da Universidade na luta pela democracia?

Para enfrentar essas questões, é preciso conhecer para além das aparências e desenvolver um trabalho articulado às transformações técnico-científicas com potencial crítico e transformador da realidade.

A fim de melhor responder às questões postas, é oportuno continuar o diálogo com as mesmas autoras, que discutem a produção do conhecimento na educação superior. Em suas palavras:

O trabalho educativo fundamenta-se na liberdade porque se articula centralmente à elaboração da realidade; no entanto, a atividade condicionada socialmente é capaz de apropriar-se dessa característica, redimensioná-la, tornando, assim, relativa a aludida liberdade. A produção do conhecimento convertida em produtivismo insere-se nesse quadro, tendendo ao alheamento e deixando em segundo plano o pensamento/elaboração da realidade, isto é, o próprio fenômeno educacional. Nesse sentido, tem-se que a estrutura capitalista, dadas as suas características, implica, necessariamente, a impulsão ao contraditório. Por paradoxal que seja, isso significa que nas relações sociais, de modo insólito, inscrevem-se sopros de superação, visto que os elementos que decorrem do movimento contraditório podem tornar-se alavanca e conteúdo para a constituição do novo. Sustentando-se nessas concepções, o materialismo histórico-dialético contribui para a análise da realidade, de forma a des-vendá-la (tirar o véu) e provocar condições de transformação. Em outras palavras: refletir sobre a educação e a produção do conhecimento, potencialmente, significa denunciar seu revestimento conservador, dada a configuração da sociedade capitalista, bem como anunciar e resgatar seu sentido libertador. (SILVA; SILVA, 2010, p. 87).



Diante do retrocesso que o atual governo representa à sociedade brasileira, com a falta de projetos e de investimento para área da educação, à comunidade acadêmica cabe um movimento de fortalecimento de seus espaços colegiados e de seu processo decisório, visando identificar o contraditório e nutrir as suas bases de esperança para os novos tempos.

A pandemia trouxe muitas fragilidades para os mais diversos setores da sociedade, porém, a falta de investimento de programas na educação básica e superior é um perfil político deste governo, mesmo antes deste cenário.

Os impactos desse planejamento educacional desprovido de projetos importantes para a educação são sentidos nas atividades cotidianas da Universidade.

O estado de desmotivação que foi aventado, tanto por parte de docentes, quanto por parte de estudantes, não estaria revelando um perfil excessivamente pragmático nos conteúdos das disciplinas, com pouca discussão, debate ou espaço de interlocução, impedindo, assim, que as trocas tenham um rigor mais dialético na aquisição dos conhecimentos?

Seja qual for a evidência que venha a ser constatada em pesquisas mais aprofundadas sobre a qualidade da educação superior, em tempos de trabalhos remotos, uma reflexão se faz pertinente: a Universidade tem um papel muito importante em relação aos avanços da tão sonhada transformação social, de uma realidade na qual o país vem mergulhando, convertida em caos social, conforme mostram notícias de aumento de feminicídio, racismo estrutural, prática de homofobia, misoginia *etc.* É possível tirar o país deste caos? Como a Universidade poderá contribuir?

Dadas tais informações e apresentadas tais questões, colocar em foco a presente era digital pressupõe de cada um de nós, sujeitos envolvidos com a vida universitária, um seríssimo compromisso com a produção de conhecimentos neste lugar.

É bem certo que a era digital desafia, de forma intermitente, todas as pessoas a aprender e dominar as tecnologias.

E às instituições educacionais, o que lhes cabe nesse cenário desafiador?



A escola de todos os níveis ainda não aproveita de forma satisfatória as potencialidades do digital para o uso pedagógico nos processos de formação de todos os participantes, professores e estudantes, principalmente. Esse descompasso entre o aproveitamento do potencial pedagógico das tecnologias digitais e os processos de ensino e aprendizagem na universidade reflete a necessidade urgente de adequar os currículos dos cursos de formação de professores, estrutura de apoio tecnológica e física das instituições, dotando-as de laboratórios, redes de conexão de alta velocidade e espaços pedagógicos adequados ao desenvolvimento de atividades mediadas pelas tecnologias digitais. Sem essas mudanças básicas, as Instituições de Ensino Superior (IES) não conseguirão reduzir o gap entre a demanda da sociedade conectada e a formação oferecida. Esse distanciamento entre o espaço formativo regular das universidades e o uso prático e intensivo das tecnologias digitais, sobretudo as móveis, para ensinar e aprender precisa ser repensado, discutido e superado. (KENSKI; MEDEIROS; ORDÉAS, 2019, p. 143-144).

Ainda que o apontamento feito por Kenski, Medeiros e Ordéas (2019) faça sentido na presente discussão textual, a superação da desigualdade social, e a busca da qualidade da educação superior pressupõem o uso das tecnologias digitais, numa perspectiva crítico-compreensiva da realidade social e das contradições que o capitalismo impõe às sociedades. É preciso firmeza acerca de qual é a função da Universidade e como se constituir em espaço legítimo da crítica; na produção de conhecimento a qual se propõe. É uma instituição que se quer progressista ou conservadora? É preciso desvendar a realidade, usar lentes que permitam enxergar a essência, como ensina Kosik (1976).

A “pseudoconcreticidade” só pode ser destruída a partir da decomposição da totalidade em partes, que possam revelar o movimento dialético no qual são articulados a essência e o fenômeno. Em suas palavras:

[...] a falsa consciência, a reificação, a relação de sujeito e objeto – perdem o caráter dialético se forem isolados, separados da teoria materialista da história e desligados dos conceitos com os quais formam uma unidade e em cujo „sistema aberto“, e só nele, recebem um significado autêntico, assim também a categoria da totalidade perde o caráter dialético se é entendida apenas „horizontalmente“ como relação das partes e do todo, e se se desprezam os seus outros caracteres orgânicos; a sua dimensão „genético-dinâmica“ (criação do todo e a unidade das contradições e a sua dimensão vertical que é dialética de fenômeno e essência. (KOSIK, 1976, p. 63).



Revista Pedagogia – UFMT V.8 n° 2 Jul/Dez 2021

A teoria de Kosik contribui para que a subjetividade humana não se permita à coisificação dos homens e mulheres, que, quando seduzidos pelo fenômeno da cultura digital, podem se tornar acríticos e incapazes de se perceberem engolidos neste processo de mercadorização da ciência e do produtivismo, na educação e outros setores da vida social.

Nesse sentido, os limites que os docentes mais encontram nos trabalhos remotos recentes, dada a necessidade de realizarem o trabalho na configuração *home office*, parece ser o não reconhecimento das fronteiras entre trabalho e descanso no enfrentamento das demandas, todas se apresentando num mesmo espaço, o de suas casas.

Considerações finais

A escrita deste texto tem a orientação de provocar reflexões acerca das transformações que vêm ocorrendo nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. Para tanto, o diálogo teórico estabelecido traz as tecnologias digitais como imprescindíveis para o avanço da produção científica no espaço acadêmico. A pandemia confirmou a sua importância, inclusive. No entanto, o diálogo teórico na perspectiva dialética acende luzes para o perigo do produtivismo, da “psedoconcreticidade”, explicada por Kosik (1976), e dá elementos para a compreensão de uma realidade que, se não filtrada, pode levar os níveis de sociabilidade e de manutenção da vida no planeta às últimas consequências.

As tecnologias digitais são úteis e assim podem continuar sendo, no entanto, o processo de produção do conhecimento na Universidade tem no tempo presente limites, avanços e desafios para lidar, os quais pesam sobre cada sujeito universitário, de forma absolutamente desigual. É preciso lançar luzes sobre a desigualdade social e educacional, que durante a pandemia aumenta descontroladamente.

Os ambientes virtuais podem estar lindos e organizados, mas se os estudantes não conseguem acessá-los, seja por falta de *internet* compatível, seja por falta de equipamentos, seja por suas condições objetivas de vida, ou ainda pior, seja por desinteresse e desmotivação,



aí reside, então, um elemento de análise importante que se sobrepõe à aparência. Trata-se de uma realidade que chama a atenção dos que defendem um projeto de Universidade socialmente referenciada, pública e democrático-popular, o desafio da desigualdade, em relação a todas as categorias que estão envolvidas com a vida acadêmica universitária, os quais sejam: professores, técnicos e estudantes. E, hoje, dado o adoecimento por Covid de uma quantidade expressiva de estudantes, de seus familiares, com casos muito tristes de perdas de vidas, coloca-se em questão a saúde mental. Como essas pessoas estão lidando com as sequelas da doença e com saudade daqueles que não venceram a Covid? A subjetividade de cada sujeito trará as suas marcas em relação ao processo devastador da pandemia. A empatia de cada um de nós por aquele ou aquela que sofre, que ainda não superou a dor da perda e nem as lembranças de momentos tão difíceis impõe-se como ética humanitária, como respeito!

Neste finalzinho de texto, um apelo se mantém: há muitas questões para serem respondidas, há muitos elementos para serem analisados à luz do contraditório; não obstante, que o movimento siga se afirmando na luta!

REFERÊNCIAS

IBGE. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. **IBGE Educa**, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-0>. Acesso em: 18 set. 2021.

KENSKI, V. M.; MEDEIROS, R. A.; ORDÉAS, J. Ensino Superior em tempos mediados pelas tecnologias digitais. **Revista Trabalho & Educação**, v. 28, n. 1, p.141-152, jan.abr., 2019.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MACHADO, S. F.; TERUYA, T. K. Mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem: a perspectiva dos alunos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Maringá. **Anais eletrônicos [...]**. Maringá: PUCPR, 2009. p. 1726-1738. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ead/suelen.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.



Revista Pedagogia – UFMT

V.8 n° 2

Jul/Dez 2021

SILVA, M. G. M.; SILVA, R. C. R. da. Educação e Produção de Conhecimento na realidade social: uma análise a partir do materialismo histórico-dialético. **Práxis educativa** (UEPG Online), v. 5, p. 79-87, 2010.

UNICEF. Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro. **Unicef**, Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>. Acesso em: 18 set. 2021.

YOSHISATO, T.; FRANCISCO, A. M. A criança e seu espaço: uma leitura sobre arquitetura escolar e os ideais pedagógicos. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 2, p.01-10, abr/jun 2015. Disponível em: <http://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1216/1377>. Acesso em: 8 abr. 2021.